

# **A JAULA**

Era um clube que estava situado na periferia da cidade e chamava-se JAULA. Ficava próximo ao hospital municipal e funcionava em um antigo galpão, onde outrora funcionara uma fábrica de tijolos.

Com a fábrica falida, foi reformado e abriu como bordel, que, no decorrer do tempo transformou-se no clube que conheci como JAULA.

Do bordel, a JAULA herdou o ambiente de penumbra. Na época em que funcionava como bordel, houve um incêndio no clube central, o único que havia nas cercanias. Sem outra opção de lazer, as turmas começaram a se encontrar, no até então, desconhecido puteiro, atraídos mais pelas bebidas do que propriamente pelas músicas e finalidades a que se destinava o lugar.

Com os frequentes e variados pedidos de músicas alternativas feitos por consumidores tão ávidos de álcool, o dono do negócio lucrando como nunca, e as brigas tornando-se constantes, uma noite resultou na morte de uma garota que lá ganhava a vida, o que decretou o fim do bordel e o surgimento da JAULA.

A essa altura, o lugar já era frequentado por todas as tribos ditas urbanas que viviam nas redondezas, principalmente por aqueles que curtiavam um som pesado. Havia roqueiros, cabeludos, hardcores, punks, carecas e quem mais fosse se arriscar naquele local, que era violento por natureza.

As brigas eram frequentes e quando acontecia o confronto, a algazarra era geral. Entre gritos de incentivo e protestos, assobios estridentes e sonoros palavrões, a imensa maioria de seus frequentadores adorava e vibrava com aquilo.

O inescrupuloso dono do negócio, notando que o consumo de bebidas simplesmente triplicava com as porradas, deixou a coisa rolar, tendo apenas o cuidado de contratar verdadeiros gorilas como segurança, de forma que nunca perdesse o controle da situação no local. Assim, tacitamente, foi surgindo na JAULA uma espécie de lei que passou a imperar lá. Uma vez iniciada a briga, rigorosamente tinha que ser de apenas dois oponentes, um contra um, mão a mão, ninguém podendo interferir, muito menos prestar auxílio.

Em suma, não se devia interromper o duelo, que só terminava com o nocaute de um dos contendores. Durante a briga, aos amigos de ambos só restava torcer para que seu colega levasse a melhor, aos demais frequentadores que nada tinham a ver com os dois adversários que se digladiavam, mais do que torcer por um final vitorioso, imploravam por pancadas, sangue e por fim nocaute, uma selvageria só.

Os seguranças brutamontes deixavam bem claro que tendo começado a briga, aquela questão devia ser resolvida exclusivamente pelos dois opositores, e só terminaria com a total derrota de um dos dois, se alguém se intrometesse, fosse para separar, fosse para ajudar, sofreria severa e dolorosa represália por parte daqueles titãs.

Terminada a briga, só restava aos amigos do perdedor levá-lo o mais rápido possível ao hospital municipal que por sorte ficava próximo dali. Todos os que frequentavam a JAULA adoravam o lugar e cumpriam religiosamente suas regras. Todos estavam completamente adaptados aquilo.

Bem, eu conhecia a JAULA, mas, raras vezes havia posto meus pés naquele lugar. A última vez que lá estive, e de amarga lembrança, foi por causa de uma gata que conheci em uma feira de artesanato que acontecia uma vez por mês em um local fora da cidade, ela chamava-se Iracema.

O evento estava muito devagar quando a vi pela primeira vez. Até hoje não sei exatamente o porquê, mas logo que a mirei fiquei fascinado por aquela mulher maravilhosa. Como disse antes, a coisa toda estava muito chata e antes de ir embora, fui até a cantina beber alguma coisa.

Lá chegando, deparei-me com aquela tigresa lambendo um conhaque, por ela apaixonei-me instantaneamente. Fiquei ali parado olhando para ela, como que hipnotizado. De repente, ela olhou em minha direção e abriu um sorriso espetacular, que iluminou toda a sua face e incendiou meu coração.

Magneticamente atraído, me vi indo, impulsionado ao seu encontro. Puxei assunto e ficamos ali conversando e bebendo juntos. Bem, seu nome como já disse era Iracema, mas ela gostava de ser chamada de Ira. Não me disse sua idade e eu também não perguntei, mas já passara dos trinta. Provinha da burguesia, mas quase não tinha contato com a família, haviam rompido muitos anos antes, quando saíra de casa ao recusar o sonho e desejo do pai que fizesse medicina.

Muito pelo contrário, em um estilo hippie, ela ganhava a vida vendendo artesanatos feitos por ela mesma. Eram bijuterias, quadros e outras quinquilharias que ela trazia pendurados em um mostruário. O que tinha de beleza e simpatia também tinha de talento.

Quanto a mim, naquela época estava um tanto atrasado, com dezenove anos concluindo o ensino médio. Planejava, com pouca clareza e sem muito empenho, o que faria terminado meus estudos. Afora esse detalhe de preocupação com o futuro, vivia com os meus pais, arranhava uma guitarra em uma banda podre de garagem e tinha vagas pretensões de algum dia me tornar mais uma estrela do mundo do rock and roll.

A partir daquele encontro, não desgradamos mais, iniciamos um tórrido romance recheado de muito amor e tesão. Ela morava em uma casinha simples, porém aconchegante e lá

estávamos em um final de dia que anunciava tempestade. Bebíamos vinho, entre lençóis cheirando a suor e sexo. Lá fora, os relâmpagos e trovoadas explodiam em um verdadeiro dilúvio. Os estrondos amorteciam os sussurros de prazer, êxtase e a paz reinava absoluta em meio a velas e incensos espalhados por todo o quarto.

Lá pelo meio da noite, Ira falou que rolaria um show imperdível de uma banda punk vinda da Alemanha e me perguntou se eu queria ir. “E onde seria?” Perguntei-lhe. “Na JAULA, conhece?” “A JAULA?...Sim, eu já conhecia o lugar.” Não respondi de imediato se queria ir ou não naquela maldita JAULA.

Levantei-me e fui até a janela e apesar da chuva ter se amainado, os coriscos riscavam o céu. Podia-se dizer que o tempo continuava inclemente. Sentia-me cansado, havíamos trepado o dia inteiro, derrubado três garrafas de vinho.

Olhei para Ira e disse-lhe que com aquele tempo faríamos muito melhor se ficássemos em sua casa. Poderíamos assistir a uns filmes comendo pipoca, qualquer coisa, menos abandonar aquele aconchego para enfrentar aquele mau tempo lá fora. Ira continuava deitada nua na cama, fumando um cigarro e olhando ao longe pela janela. Parecia não ouvir nada do que eu dizia.

Ledo engano. De repente, ela olhou pra mim, foi abaixando os olhos, fitou o meu pau flácido com uma cara sacana que fez o bicho despertar em segundos e saltando da cama como felina veio até onde eu estava se enroscando no meu corpo como uma gata manhosa. Olhando-me nos olhos enquanto acariciava meu já pulsante cacete disse sussurrando em meu ouvido que quando voltássemos do show ela me daria um belo trato com direito a cabelo, barba, bigode, costeletas e cavanhaque.

Como é que eu poderia recusar convite feito com tanto empenho? Peguei-a no colo e assim fomos para o banheiro tomar

um banho. Em seguida enquanto nos arrumávamos chamei um táxi pelo celular.

A noite prometia. Ira usava um vestidinho básico preto de algodão bem decotado, deixando suas formas bem visíveis, e que formas, revelando suas grossas e torneadas coxas. Nos pés, um coturno que ia até abaixo de seus joelhos. Estava deslumbrante. Eu, por minha vez, vestia... O táxi chegou e a chuva tinha parado, e lá fomos nós para a JAULA.

Chegamos a tempo de curtir a última música da banda que fazia a abertura do show principal. O lugar estava completamente lotado. As diversas tribos ocupavam seus territórios particulares, cujos limites eram estabelecidos de acordo com o número de componentes de cada grupo.

Os Seguranças perambulavam pelo salão, munidos de porretes e atentos a toda movimentação que ali acontecia. Zelavam pelas normas da casa. Podia-se sentir certa tensão no ar.

Para onde se olhasse, viam-se atitudes e gestos de provocação, partindo de indivíduos que ansiavam por uma boa briga.

Outros aguardavam a tão esperada porrada, que para eles era melhor que o próprio show que iria começar.

Abrindo caminho por entre a multidão, vi um enorme grupo de cabeludos próximos ao palco, onde Ira queria ficar, e, para meu grande contentamento, reconheci os amigos da minha banda e que ali também se encontravam.

Ficamos por ali mesmo. Minha turma era um dos poucos grupos pacíficos que ali iam para curtir o som, beber e paquerar as gatas roqueiras, enfim, para se divertir. Nunca algum dos nossos havia desafiado alguém para brigar, e tampouco tinha sido desafiado. Isso, por si só, era um verdadeiro milagre, já que em todo o evento na JAULA, alguém saía dali inconsciente para o hospital.

Infelizmente para alguns, as seqüelas das pancadas seriam por toda a vida. Quem gostava mesmo dessa situação eram os

carecas, esses eram como animais selvagens. Era o grupo mais temido da JAULA e que mais se destacava pela truculência de seus componentes. O líder deles, baixo e parrudo, parecia uma pequena montanha de músculos rígidos como aço. Seu apelido era Morte Lenta, pois corria a lenda de que ele lentamente quebrara o pescoço de um cara, sem pressa e com requintes de crueldade. Usava nos punhos pulseiras de couro cobertas de tachas pontiagudas. Tinha os dedos das mãos repletos de anéis com sinistras saliências, prontas para dilacerar e desfigurar rostos.

Enroladas em volta do corpo, usava espessas correntes. Estava sempre sem camisa a exhibir tatuagens medonhas distribuídas pelos músculos, no pescoço um grosso cordão de prata com um soco inglês pendurado, uma bermuda colada ao corpo e um par de coturnos. Seu rosto grotesco marcado por cicatrizes passava um misto de repulsa e desafio.

A essa altura, a banda alemã já tinha começado a tocar. Gritarias, assovios, aclamações, vaias e palavrões, tudo misturado.

A algazarra era geral.

O ambiente estava vibrante. Ira entrou em transe e dançava como louca, uma gata lindamente enraivecida, estava elétrica e não parava por um segundo. Para mim e para dezenas de marmanjos, fazia um show à parte, chamando a atenção de todos que estivessem a sua volta. Infelizmente, também daqueles que não estavam tão próximos, como os carecas. Principalmente do líder deles, aquela aberração, que lá do seu canto espreitava a minha felina que não parava de dançar.

Não liguei muito para esse detalhe, afinal de contas, havia dezenas de homens, inclusive amigos meus, que olhavam avidamente, com flagrante cobiça para Ira, que agitava pra valer, divertindo-se muito sem prestar atenção em mais nada, a não ser em mim e na música.

O som dos alemães, de fato, era muito bom mesmo. Todos na JAULA estavam como que alucinados. Com o tempo, começou a me causar um ligeiro desconforto o fato de todos os homens a volta não tirar os olhos da minha gata. Em um estalo, lembrei-me que Ira estava sem calcinha.

Ela nunca as usava, dizia dar alergia. Passei a prestar atenção e percebi que, de fato, naquele vestidinho, quando Ira pulava, dava generosas mostras de seus dotes mais recônditos. Entendi no ato por que todos aqueles homens estavam vidrados nela. Então, com discrição, pedi para se conter, administrar seus movimentos.

Olhando-me lascivamente, aproximou sua boca de meu ouvido e, enroscando-se em meu corpo, escorregadia como uma serpente, perguntou-me o que é que tinha os homens olharem, admirá-la, desejá-la? Não era eu quem a tinha na palma das mãos? Eu era seu senhor, afirmou-me ela, e saiu dançando como se nada tivesse acontecido. Sem argumentos, fiquei calado. Fazer o quê? Naquela ocasião, eu é que estava em suas mãos.

Por fim, o show terminou o que achei ótimo, estava realmente bem cansado e louco para estar na casa de Ira novamente, a sós com ela. Mas o pessoal da JAULA colocou o som nas alturas. Mais metal. E ninguém fez menção de ir embora. Muito menos Ira. Resignei-me e a noite se estendeu, e Ira incansável, continuava a dançar na maior euforia.

Aliás, a maior parte das pessoas que ali se encontravam, também pulava histericamente. Resolvi entrar no clima. Lá pelas tantas, senti um esbarrão de alguém, que vindo por trás passou por mim com um sorriso diabólico em direção a Ira que, em êxtase, não se apercebia de nada. Era Morte Lenta, que dela se acercava.

Em meio a todas aquelas pessoas pulando, não dava para ver direito o que estava acontecendo.

Mas deu perfeitamente para ouvir quando Ira gritou e de imediato correu para junto de mim, com uma expressão de dor e pânico estampada em seu rosto.

Ela me abraçou chorando copiosamente, e eu ainda sem entender o ocorrido, perguntava-lhe o que tinha acontecido. Ela, em choque, só dizia para irmos embora dali. Morte Lenta aproximou-se, me encarava agora com um sorriso de escárnio no rosto.

Ao redor, uma roda de curiosos se formava, aguardando o desfecho na maior expectativa. Ia abrir a boca pra dizer a ele alguma coisa, quando, insolentemente, ele passou o dedo médio pelo meu nariz.

Naquela fração de segundos, entendi tudo o que havia acontecido. O filho da puta tinha enfiado o dedo no rego de Ira. O odor estava impregnado em seu dedo. O ocorrido exigia de mim uma reação enérgica, porém, nunca havia estado em uma situação semelhante.

Na verdade, jamais havia estado numa situação de confronto corporal com alguém, talvez quando criança para me defender, mas desde sempre fora tranquilo e pacífico e agora eu estava de frente para uma aberração da natureza querendo sangue. Acordei desse ligeiro devaneio com uma violenta cabeçada recebida no nariz.

Cai no chão com o sangue esguichando do nariz esfacelado. A massa urrou.

Percebi que Ira contida por meus amigos, gritava em total desespero. Antes que eu pudesse esboçar a mínima reação, recebi um forte chute no rosto, que quase me fez perder os sentidos.

A galera vibrou. Agora meu sangue escapava também pela boca. Cuspi um dente e senti outro pendurado. Antes tivesse desmaiado naquele momento, o que teria sido muito melhor, já que a briga, ou massacre, teria terminado por ali mesmo.

Mas apesar de um tanto atordoado, ainda estava lúcido. O que veio em seguida foi uma sucessão de chutes e pontapés.



O delírio dos circunstantes chegou às raias da loucura. E isso estimulou ainda mais a besta fera a continuar com a sessão de espancamento. Estava sendo implacavelmente arrebatado.

A música não parou um só momento, e eu, sentindo muita dor, sofria com as pancadas que levava. De alguma forma, para minha sorte, o fato de estar caído no chão fez com que o animal não usasse suas mãos com aqueles terríveis anéis.

Não conseguia ver nada, e, às vezes, conseguia distinguir no meio do clamor os angustiados gritos de Ira. Como se fosse ela própria a ser massacrada, implorava desesperadamente para que alguém terminasse com aquela selvageria, pondo um fim naquela carnificina. Mas fazê-lo na JAULA era impossível.

A lei era do mais forte, e todos que ali estavam tarimbados frequentadores, sabiam das sérias conseqüências que tal ato poderia acarretar.

Por isso, meus amigos seguravam Ira, ao mesmo tempo em que me incentivavam a reagir de alguma forma. Logo eu, que como já disse, não entendia nada de briga. O maldito continuava com o seu show de sadismo e barbárie, ele era como um trator. De repente ele parou de chutar, pegou-me pelos cabelos e começou a arrastar-me pelo salão gritando a plenos pulmões que quem mandava ali eram eles, os carecas.

Os turbulentos carecas estavam em verdadeiro frenesi e, exaltados, gritavam com toda força, pulavam e davam socos no ar. Morte Lenta exibia-me para todos, como se eu fosse uma caça por ele abatida.

Minhas forças haviam se desvanecido, e entre um safanão e outro, deixava-me arrastar. Sentia-me o mais insignificante dos insetos. Estava a ponto de desmaiar de dor quando, de repente, o miserável, ainda segurando minha cabeleira, parou de me arrastar, passou por cima de mim, e colocou-se de pé, de modo que fiquei caído por baixo dele, com a cabeça entre seus coturnos banhados de sangue. Então, o canalha puxou-me para cima pelos cabelos, até

que minha cabeça encaixasse no ângulo formado por suas pernas e aí ficasse presa, encostada aos órgãos sexuais daquele psicopata.

Fiquei ali, imobilizado, em uma desconfortável posição. Mesmo enfraquecido, podia sentir seu sexo pulsar, respondendo a satisfação sentida por seu proprietário. Naquele doloroso e humilhante momento, tudo o que eu queria era que ele me soltasse e se desse por satisfeito.

Certamente que eu de bom grado me daria por vencido e também satisfeito - e muito - por ainda estar vivo.

O sórdido então começou a bater ritmadamente com as mãos em minha cabeça, como se a mesma fosse um tambor de guerra.

Maldição! A cada pancada, seus anéis dilaceravam meu couro cabeludo, e logo meu rosto estava lavado em sangue, que de um lado a outro vertia copiosamente.

Nessa altura, senti que seu membro pulsante aumentava de volume crescendo contra a minha cabeça. O sádico, de fato, sentia um enorme prazer no que estava fazendo, ou seja, me destruindo. Mas eis que fênix renasce das cinzas!

Em um esforço derradeiro, ignorando completamente as dores atrozes que eu sentia por todo corpo ao fazer o menor movimento, levantei minha mão direita e, sem que o canalha percebesse, agarrei seu saco escrotal, segurando com toda a força que ainda me restava.

Rapidamente, em um ato de reflexo, ele agarrou com força meu punho com ambas as mãos. Sem piedade, apertei como um alicate. Um de seus ovos escapuliu por entre meus dedos e o outro explodiu como um gomo de laranja. Nesse momento, o grito que escapou de sua garganta foi indescritível, uma mistura de grunhido de porco na hora da porretada na cabeça com o urro do touro na arena sentindo seu crânio partir na agulhada final.

Então, o grande carniceiro, a encarnação do mal, foi estrondosamente ao chão, livrando minha cabeça de entre suas pernas, sem conseguir, no entanto, livrar-se de meu aperto de aço.

Ao verem essa cena, alguns de seus seguidores tentaram se aproximar em socorro do chefe, só que foram logo rechaçados brutalmente pelos seguranças que já estavam ali a postos desde o início do embate.

Agora, estávamos ambos no chão, com a diferença que eu estava por cima e ainda segurando com firmeza a bolsa escrotal do animal, que, no paradoxismo da dor, tentava inutilmente desvencilhar-se da minha mão.

Vislumbrei o soco inglês em cima de seu peito, rapidamente encaixei os dedos naquela coisa, levantei o braço e soltei uma bomba de esquerda direta em seu nariz, sentindo com o impacto os ossos se esfacelando em mil pedaços.

Literalmente todo arreventado, sentindo dores por todo corpo, com o rosto sangrando em profusão e a cabeça rachada, olhei firme e bem fundo nos olhos do facínora. Havia sumido todo vestígio de sua arrogância e deboche, que até alguns minutos atrás lhe era tão característico. Agora seu olhar era de dor, pavor, angústia e súplica. O jogo se invertera. Senti crescer no meu íntimo um forte sentimento de vingança, que de alguma forma restaurou-me as forças.

Sem dar tempo de alguma reação, em um rápido movimento tornei a agarrar o outro testículo que fugira da primeira vez e portanto, ainda intacto. Dessa vez ele não escapou, e o esmaguei com imenso prazer. O mastodonte, dessa vez, não suportou a imensa dor e com um grito de horror desmaiou, em seguida, deixei-me cair para trás, extenuado.

Finalmente aquele insano confronto que não deixou um vencedor – pelo menos para mim – acabava.

Jaziam ali no chão dois perdedores, dois seres humanos que, por um motivo extremamente fútil, bateram-se até quase a morte. A minha aparente vitória sobre o líder dos carecas foi, na verdade, a minha salvação. Passei pelo calvário, mas saí com vida daquela JAULA.

Ira veio até mim e, altamente emocionada, abraçou-me tão fortemente que não pude deixar de soltar um gemido de dor. Enquanto isso, Morte Lenta era levado dali por seus coiotes envergonhados e feridos em seu orgulho.

Ira e meus amigos, um tanto preocupados com o meu estado, mas felicíssimos com o desfecho vitorioso, conduziram-me com todo cuidado para uma clínica particular. Passava minha língua pela boca e sentia que, em alguns lugares onde antes havia dentes, só tinha agora buracos, alguns pontiagudos fragmentos de dentes e o gosto de sangue.

E agora, passado o tempo que o sangue esfriara, as dores tornavam-se quase insuportáveis. Na clínica, foram constatadas diversas fraturas, inclusive de algumas costelas que por sorte não perfuraram meus pulmões. Escoriações, dilacerações, contusões, luxações e outros tipos de traumatismo também foram diagnosticados.

Esses prejuízos foram bem reversíveis, ao contrario do único prejuízo irreversível de Morte Lenta. Para mim, uma imobilização aqui, umas costuras ali, um enxerto lá e uns curativos acolá. Para ele, nada de filhos, de sexo, impotência eterna. Após passar por algumas cirurgias estéticas e reparadoras, fiquei um mês internado recuperando-me, e então recebi alta e pude voltar para casa.

A rapidez de minha recuperação foi surpreendente, devido ao estado em que lá cheguei. Ira foi minha fiel acompanhante durante todo o período. Quis o destino que sua família fosse à proprietária da clínica, e assim tive o melhor tratamento possível. Curiosamente esse fato fez com que Ira fizesse as pazes com o pai e família após longos anos de separação. Realmente, há males que vem para o bem.

Decidimos que moraríamos juntos em sua casa. Meus pais, um tanto resignados, concordaram. Apreciavam muito tudo que Ira fizera por mim.

Vivemos juntos por cerca de cinco anos. A princípio, essa ligação correu as mil maravilhas. Nesse período, concluí o ensino médio, passei no vestibular e já estava bem adiantado no curso de música. Havia me apaixonado pelo violino e ganhava uma boa grana tocando em festas, casamentos e cerimoniais.

Mesmo com o passar dos anos, Ira manteve a mesma jovialidade vibrante e intensa, sempre querendo ir a quase todos os eventos de rock que estouravam pela cidade, me mostrava mais do que nunca que não era Ira por acaso, e eu, já não tinha o mesmo pique de outrora e na maioria das vezes preferia ficar em casa ou em barzinhos próximos, tranquilos, bem seguros. As brigas tornaram-se constantes e antes que nos odiássemos nos separamos amigavelmente.

Tinha sido muito bom por muito tempo, ela era uma mulher magnífica, mas meu tempo de calma havia chegado, na verdade, desde aquele brutal episódio eu já não tinha a mesma disposição e vontade de ir pra shows lotados, e ela adorava aquele mundo barulhento e violento. Às vezes, nostalgicamente, lembro-me dela, e de como era excepcionalmente atraente.

A separação foi emblemática e decisiva para ela ir embora do país. Não sei para onde ela foi, e nunca mais a vi. Sinceramente espero que tenha sido muito feliz. Quanto a JAULA, bem, desde aquele infeliz episódio, nunca mais pus meus pés lá. Soube que fechou pouco tempo depois por tráfico de drogas e nunca mais abriu.

Quanto a Morte Lenta, soube por um amigo daqueles tempos brutos, que entrara para uma ordem religiosa de reclusão total e nunca mais fora visto.

Fico pensando, que talvez tenha sido a melhor coisa que ele tenha feito. Talvez a única medida que pudesse dar-lhe a paz e serenidade que tanto precisava. A paz que com certeza ele nunca teve na época que frequentava o inferno da JAULA.

RINALDO RAMOS